

# Apresentação

*Na vida de cada um,  
é possível você definir o que é a língua de sangue,  
porque é a língua da mãe, do pai, da família;  
qual é a língua da terra, no meu caso,  
eu nasci de pais portugueses que moravam em Portugal,  
na Ilha da Madeira.*

*Depois nós imigramos para Brasil.*

*Qual é a minha terra?*

*Qual é a minha língua de terra?*

*Não sei! A de lá? A de cá?*

*(...) A língua portuguesa é nomeada a mesma,  
mas, o que será que existe aí que nos torna tão diferentes?*

*Por que o brasileiro, lá, se sente estrangeiro?*

*(...) A questão é cultural, é língua-cultura”.*

*(Maria José Coracini – em entrevista)*

Entre-lugares, entre-sujeitos, entre-línguas, entre-culturas. Nesses hífen que ao mesmo tempo unem e separam, é que se tece esta entre-vista. O próprio signo entrevista carrega a noção de entremeio: o que se vê e como se vê, o que se diz e como se diz, naquele momento, da/naquele lugar sempre pode ser outro.

Tarefa nada fácil entrevistar Maria José Coracini. Mais difícil ainda se se pensar que as questões lançadas no momento da entrevista, ao mesmo tempo em que possibilitam navegar pelos interstícios da memória e desenrolar um novelo de lembranças que constituem uma história, também marcam um recorte. Por isso, as questões lançadas são entendidas como as chaves que permitiram abrir o portal entre o esquecido e o rememorado. Outras chaves-questões abririam talvez outros portais... e outros novelos se desenrolariam... outras redes se teceriam... outros buracos se escavariam... em outros portos se ancorariam... outras histórias se apresentariam...(?)

Entrevista: “o estofo, entre o forro e a peça transparente ou golpeada do vestuário”, segundo uma das acepções do dicionário Michaelis. De forma geral, é entendida como um encontro para interrogar alguém sobre fatos, atos e ideias, com fins de publicação. Seja como for, dizer e se dizer, acreditamos, é sempre o exercício de uma escritura, em que o sujeito se in(e)screve, com seu traço, num movimento de presença e de ausência. Entre o lugar do forro e da peça, entre o transparente e o simulado, entre o negado e o afirmado, entre o

inventado, o imaginado, e o lembrado, entre o real e a ficção, o tecido se (des)fez, entre-vista(s), e aqui se apresenta!

É na *Sala de Projetos: Maria José Coracini* (no IEL/ UNICAMP) – onde se dão os encontros para estudos com e entre orientandos e desorientados (como Coracini se refere, carinhosamente, aos já titulados) –, que se dá mais este encontro, honroso e prazeroso, agora de um lugar outro, o de entrevistar (eu e Marluza) Maria José, ou Coracini (como a chamam os sulistas), para levá-la a dizer, ouvi-la, navegar com ela pelos labirintos de sua memória e tecer, no papel, sua História de Vida – história social, pessoal, profissional –, a fim de compartilhá-la com todos os que se interessam pelos estudos de língua, linguagem, formação de professores.

É para nós um presente apresentar, em mais uma edição da *Fragmentum*, fragmentos de uma memória que é individual e, ao mesmo tempo, coletiva, já que o ‘eu’ que aí se diz inevitavelmente se mescla e se (con)funde, evidenciando-se como “pertencas rizomáticas”, no sentido dado pela própria entrevistada. Como um rizoma, a identidade que aqui se tece, pela voz de Coracini, não tem uma raiz única: ela se abre e se estende a outras raízes, crava-se, envolve-se no/pelo e com o outro/Outro.

*É difícil falar... eu acho muito difícil falar...* se faz corpo em vários momentos no dizer de Coracini, justamente porque é enunciado por quem sabe que *falar de si* é da ordem do (im)possível: nos leva para onde nem sempre queremos (mas talvez desejamos!), nos envolve e nos faz navegar no vão desejo de chegar à margem, de constituir uma linearidade, quando, na verdade, o que ocorre é sempre uma (re)invenção, um escoamento, uma fabulação, uma escritura (no sentido derridiano) de si.

*Por que a gente escolhe isso e não escolhe aquilo?* E por que dizemos certas coisas e não outras? E por que falamos de certos momentos, lugares, sujeitos e não de outros? Isso nos remonta à questão derridiana de que o sujeito está sempre diante de oscilações conduzidas entre-possibilidades. Diante de (im)possíveis escolhas, consciente ou inconscientemente, cada um opta, como diria Drummond, conforme seus caprichos, suas ilusões, suas crenças, suas miopias: por entremeios e travessias. *É aquilo que eu estava dizendo, são opções que a gente não sabe por que faz... e que acontecem! E como você vai dizer que sua vida tem um rumo certinho, uma raiz, caule, tudo no seu devido lugar?*

Dessa forma, a entre-vista que ora apresentamos foi-se imbricando e enveredou por caminhos e descaminhos, recortando uma trajetória que impede que a última palavra marque seu fechamento, ao contrário, abre para a busca

de *outros portos*, que não permitam *estancar o movimento*. A escritura que se apresenta, bela e envolvente, tece, entre ditos e não-ditos, uma história que marca, inclusive na linearidade do dizer, a presença do outro/Outro: *ao mesmo tempo em que eu acho que indico um certo caminho (...) os meus alunos sempre me impulsionaram a perseguir veredas imprevistas*.

Como linguísta aplicada, a história de vida e a história social de Maria José Coracini evidenciam um percurso outro da/na Linguística Aplicada, desconstruindo-a de dentro, no sentido de (des)cobrimento, de remexer *as águas tranquilas e pacíficas de um lago inerte, sem ar nem brisa, criando rizomas, espalhando ideias, na busca de que algo aconteça, de que algo mude*, para que a transformação – do ensino, da aprendizagem, do sujeito, da formação de professores – seja (des)velada e penetrada como (im)possibilidades: *por uma aprendizagem que vem[nha] de uma certa [in]digestão, e isso só é possível com o tempo...*

Beatriz Eckert-Hoff  
Campinas, nov./2009